

Capítulo 2

Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção*

Beatriz Oliveira Pereira**

O objectivo deste artigo é apresentar o diagnóstico da agressão/vitimação entre pares em Portugal, fenómeno identificado em termos internacionais por *bullying*. Iremos proceder ao enquadramento do problema a nível internacional com base na análise da literatura produzida e à definição da problemática com base no género e na idade. Quanto aos programas de intervenção visando a prevenção e redução das práticas agressivas entre pares na escola, apresentaremos aqueles que foram realizados em países como o Reino Unido e a Noruega, para além do programa desenhado para a realidade portuguesa.

A escola tende a centrar-se nas crianças agressoras, que afectam negativamente o clima da turma e da escola, mas as medidas para reduzir ou impedir estas situações não se têm revelado eficazes. As vítimas sofrem em silêncio e por vezes vivem momentos muito difíceis na sua rotina diária na escola. Todas as restantes crianças e jovens “observadores passivos” são envolvidos e sofrem com o mal-estar que se gera. Este problema, não sendo novo, tende a tomar maiores proporções se não houver consciência que o *bullying* existe e que devem ser tomadas medidas para o reduzir. Estas medidas devem ter sobretudo um carácter preventivo.

É nosso objectivo descrever um programa de intervenção com o objectivo de prevenir e reduzir o *bullying*, ou seja, as práti-

* Foi mantido o texto original com o português de Portugal.

** Professora Associada com Agregação do Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho e Investigadora do Centro de Investigação em Literacia Infantil e Bem-Estar da Criança, Braga, Portugal.

cas agressivas intencionais e persistentes entre pares. Este programa assenta em três princípios: a comunidade educativa reconhece o problema, é criado um grupo de trabalho com ligação directa à direcção da escola e procede-se ao diagnóstico da realidade, a partir do qual a equipa coordenadora do projecto vai definir as medidas de intervenção. O processo de intervenção deve ser organizado em parceria com os investigadores, sendo o interesse das instituições (escola e universidade) convergente na procura de soluções que, aplicadas naquele contexto, sejam eficazes.

Os recreios escolares são os locais da escola onde estes problemas são mais frequentes se os compararmos com quaisquer outros espaços tais como a sala de aula, corredores ou o caminho de ida e volta para a escola. Na sequência do exposto, foi necessário proceder a um levantamento das características dos recreios e propor medidas para a sua requalificação. O envolvimento de uma equipa de docentes de cada escola, dos concelhos executivos e a inclusão da proposta do programa nos respectivos projectos educativos das escolas foram determinantes para o seu sucesso.

Nas últimas décadas, a problemática da violência na escola tem sido objecto de olhares plurais, dos investigadores aos interlocutores mais directos – docentes, alunos e funcionários – passando pela comunidade em geral. A difusão desta problemática pelos mass media se, por um lado, permitiu os olhares plurais sobre o assunto em debate, por outro lado pode ter influenciado uma discussão por vezes pouco aprofundada do problema.

O *bullying* é uma prática comum nas escolas quer estas sejam do meio urbano ou rural, escolas primárias (1º ao 4º ano) ou escolas básicas com alunos do 5º ao 9º ano ou ainda de alunos mais velhos do 10º ao 12º ano. Sabemos que eliminar completamente este problema seria utópico mas sabemos também que ele pode ser reduzido e podem ser tomadas medidas preventivas que evitem o seu agravamento. Também sabemos que nas escolas secundárias em Portugal, com alunos mais velhos (10º a 12º ano) estes problemas tendem a diminuir.

É a partir do Jardim de Infância (com as crianças dos 3 aos 6 anos) e escolas primárias (6 aos 10 anos) que se deve começar a intervir com o objectivo de prevenir os comportamentos de *bullying*. Deve existir grande sensibilização dos docentes para este problema pois, para a generalidade das crianças, as medidas a

implementar irão contribuir para a prevenção e redução do problema. Apenas para casos de exceção, diria que uma a duas em cada 100 crianças, será necessário encaminhá-las para o apoio médico e o apoio social à família.

Neste texto vamos tentar enquadrar a investigação produzida sobre o *bullying* em termos internacionais e vamos ainda apresentar os resultados da investigação por nós produzida. Apresentamos o resumo, a introdução, o conceito de *bullying*, os dados sobre o *bullying*, o agressor, a vítima e os efeitos do *bullying* imediatos e a longo prazo. Apresentamos ainda as formas de agressão e os locais segundo as vítimas. Terminamos com uma proposta de intervenção, conclusões e bibliografia.

1. O conceito de *bullying*

A agressão/vitimação entre alunos começou a ser estudada nas últimas décadas. O termo *bullying* foi adoptado nos países de expressão anglo-saxónica. Em Portugal, este termo é utilizado devido à dificuldade em encontrar um termo que identifique a agressão/vitimação de acordo com as características que vamos descrever. Outros termos utilizados para referir este problema em Portugal são “agredir, vitimar, violentar, maltratar, humilhar, intimidar, assediar, abusar”. Junto das crianças este problema é identificado como “fazer mal”, “meter-se com”, “chatear”, “pegar no meu pé” (Pereira, 2002).

Por *bullying* entende-se a agressividade entre pares de forma continuada e intencional (Olweus, 1993; Smith e Sharp, 1994). Foi descrito pelos diversos autores como sendo o abuso sistemático do poder (Smith e Sharp, 1994); uma forma de comportamento agressivo, usualmente maldosa, intencional e persistente podendo durar semanas, meses ou anos e as vítimas estão normalmente em situação em que é difícil defenderem-se (Smith e Sharp, 1994); Um aluno é vítima quando é exposto, de forma repetida e por um período prolongado, a acções que lhe causam mal-estar e são provocadas por um ou mais colegas (Olweus, 1991); Farrington (1993), descreve o *bullying* como a opressão repetida, psicológica ou física em que existe diferença de poder, ou seja, o agressor tem mais poder que a vítima, em concordância com Olweus e Smith, procurando enfatizar este ponto. Podemos sintetizar o

conceito de *bullying* em agressão entre pares, continuada e intencional.

Esta característica, a diferença de poder, pode conduzir a uma percepção da vítima como mais frágil, menos capaz, com menos competências, mas não há acordo sobre esta questão entre os investigadores. A diferença de poder pode ser devida a factores externos, como o factor surpresa, que dá maior poder ao agressor, pois este escolhe o lugar e o momento de o seu par estar indefeso. A criança vítima, ao ser apanhada de surpresa, tem um poder limitado de reacção. O tempo de reacção (uns segundos) é suficiente para garantir maior poder ao atacante. Um aluno aplicado, concentrado na sua tarefa, na matéria de aprendizagem, pode ser um alvo fácil, o que não significa necessariamente que apresente menos competências cognitivas ou sociais. A criança vítima sente que podia ter reagido e que não o fez, conduzindo a uma situação mal-estar e de medo.

2. Dados sobre o *bullying*

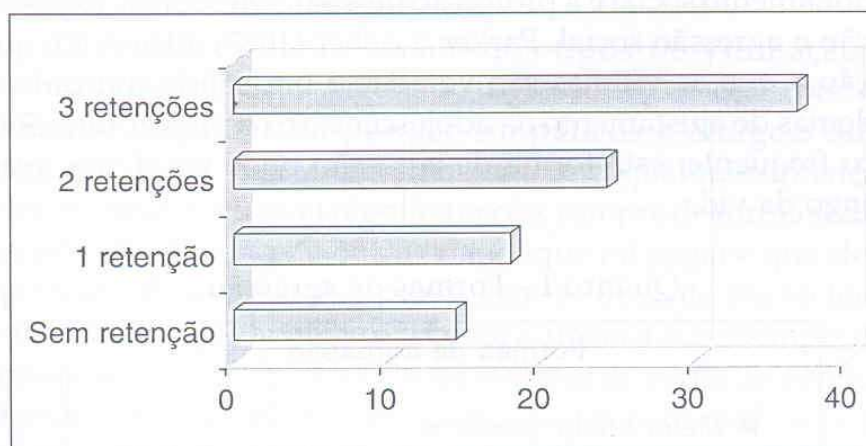
Estudos realizados em Portugal em escolas de Braga, Guimarães e Lisboa por Pereira *et al.* (2004) confirmaram os resultados de outros estudos realizados por Whitney e Smith (1993), em Inglaterra, e de Olweus (1993), na Noruega, que registraram a existência de *bullying*, em níveis mais ou menos elevados, confirmando que o problema existia em todas elas.

3. O agressor

Alguns autores têm referido o agressor como tendo boas competências sociais e cognitivas. Em estudo realizado por Pereira *et al.* (2004), os factores que apresentaram valores significativos associados a ser agressor são o género (os rapazes são mais agressores do que as raparigas); o ano de escolaridade, que pode ser traduzido de forma aproximada em idade, e portanto tem a ver com o desenvolvimento da criança; os anos de reprovação (quantas mais reprovações tiver uma criança mais probabilidade tem de ser agressora – figura 1).

Figura 1.

Percentagem de alunos agressores segundo o insucesso escolar



4. A vítima

No mesmo estudo, verificamos que os factores que estão significativamente associados à vitimação são o género e a classe social, sendo os rapazes mais vítimas do que as raparigas, de resto confirmando outros estudos sobre o *bullying* (Whitney e Smith, 1993); quanto à classe social verificou-se que as crianças mais sujeitas a vitimação são as crianças das classes sociais extremas, a mais elevada e a mais baixa. A vitimação afecta menos as duas classes sociais intermédias.

5. Efeitos imediatos e a longo prazo do *bullying*

As consequências imediatas do *bullying*, a médio e a longo prazo, são nefastas quer para o agressor quer para a vítima. As situações de agressão/vitimação não podem ser encaradas como treino para a vida.

Para os agressores, Olweus (1989) afirmou que a probabilidade de condenação em penas julgadas é quatro vezes maior para os agressores na escola do que para os não agressores. Os comportamentos desviantes ou perturbações de conduta vão permanecer e agravar-se ao longo dos anos.

Para as vítimas, a sua história de vida também não é mais otimista. As crianças rejeitadas pelos seus pares ficam isoladas, sem amigos não desenvolvendo capacidades relativas ao relacionamento social e à protecção pessoal, sendo mais expostos à rejeição e agressão social. Parker e Asher (1987) afirmaram que a rejeição a que as vítimas são votadas é um sólido indicador de problemas de ajustamento na adolescência e na vida adulta. Sendo pouco frequente, esta forma de agressão pode ter efeitos graves ao longo da vida.

Quadro 1 – Formas de agressão

Formas de agressão
■ Meter medo, ameaçar
■ Bater, empurrar, dar pontapés
■ “Pedir dinheiro” furto (sem violência física)
■ Roubar (sem que o autor seja identificado)
■ Insulta, chamar nomes
■ Faltar ao respeito
■ Espalhar histórias humilhantes
■ Enviar bilhetes ameaçadores
■ Mentir para implicar o colega
■ Excluir, rejeitar – ignorar o colega

Quando falamos em agressão entre pares na escola, os professores e as crianças remetem-na sobretudo para as formas mais elementares utilizadas pelas crianças “bater” e “lutar”. Estas formas de agressão, estando muito difundidas em idades baixas (7-12 anos), até ao 6º ano de escolaridade, são apenas o aspecto mais visível do problema. O chamar nomes e o dar um nome insultuoso a um colega, nome que o pode marcar ao longo de todo o percurso escolar é uma prática muito generalizada entre as crianças, sendo muito vezes aceite como algo contra o qual não vale a pena lutar. É algo que passa a ser aceite por todos, mesmo que isso seja muito desagradável para a criança em questão. Os professores, por vezes, acabam também eles por aceitar essas designações como por exemplo “o ratinho” ou “o caixa de óculos”.

As crianças podem ser vítimas de várias formas de agressão, sendo uma das formas normalmente presente o “meter medo”, o “ameaçar”, associada a outra como, por exemplo, o deixar copiar nos testes ou o extorquir dinheiro.

O “pedir dinheiro” é um dos tipos de vitimação mais generalizado no 2º ciclo. Alguns dos agressores começam por “pedir dinheiro” emprestado, por ser simpáticos e amigos, ou seja, sedutores. Neste caso o agressor não tem qualquer intenção de devolver o dinheiro e vai repetir a acção, sempre de forma sedutora, procurando convencer a outra criança que irá pagar e que ele é um “tipo fixe”. Estas situações prolongam-se durante muito tempo e só mais tarde é que aparece o recurso à ameaça. É o exemplo de um agressor sedutor. Falar de agressores é falar de perfis diversificados. Ao procurarmos padronizar o perfil do agressor podemos deixar de fora este e outros tipos de agressores.

O espalhar rumores e o revelar segredos no seu conjunto representam um problema por vezes difícil de resolver e causador de mal-estar generalizado. O meter medo também é uma forma de vitimação que causa o desconhecimento desta realidade por parte da escola e dos pais. A marginalização é uma forma de vitimação que afecta menor número de crianças mas que vai deixar marcas mais prolongadas no tempo se a criança não for apoiada.

As formas de agressão variam com o género: as raparigas são mais sujeitas às agressões indirectas, como por exemplo os rumores, enquanto que os rapazes se envolvem mais em confrontos directos. Também o desenvolvimento da criança está associado a tipos diferentes de *bullying*. As crianças mais novas recorrem mais a formas de agressão directas; o seu desenvolvimento global e a aquisição de determinadas competências cognitivas e sociais parecem estar associadas ao recurso de outras formas de agressão. Com o aumento da idade reduz o número de situações de vitimação e agressão, em particular do 5º, 6º anos para o 7-9º anos e deste para a escola secundária, ainda que os casos persistentes sejam mais refinados e graves.

6. Locais de *bullying*

Os estudos indicam que o *bullying* é mais frequente nos recreios do que em qualquer outro lugar como os corredores, salas

de aula, casas de banho, filas para a cantina, ida ou vinda para a escola (Olweus, 1993; Whitney e Smith, 1993; Pereira *et al.*, 2004); que a grande maioria das crianças vítimas não conta aos professores nem aos pais que estão a ser vítimas dos colegas; que o melhoramento dos recreios com equipamentos móveis previne e reduz as práticas agressivas.

O recreio é um local onde não existe praticamente nenhum adulto nas escolas básicas 2,3 (5º ao 9º ano). As escolas do 1º ciclo do ensino básico apresentam uma realidade diferente: é normal a presença de um funcionário ou de um professor no recreio. Nos jardins de infância é habitual a presença do educador. Marques, Neto e Pereira (2001) verificaram a importância de equipamentos móveis de jogo e da presença de supervisores nos recreios na prevenção do *bullying*, por isso também os auxiliares de acção educativa necessitam de formação nesta área.

Os recreios são áreas algo desvalorizadas, de pequenas dimensões, de oferta reduzida quanto às oportunidades que oferecem de jogo, convívio, observação, modificação e manipulação da natureza.

É necessário reinventar os recreios das escolas para prevenir o *bullying*: repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis. Os espaços reduzidos, sem equipamentos de jogo, são espaços monótonos, aborrecidos, que parecem estar associados ao *bullying* (Marques, Neto e Pereira, 2001; Pereira *et al.*, 2002).

São inúmeras as aprendizagens que se realizam no recreio. As crianças e os adolescentes aprendem a tomar decisões: escolher a actividade a realizar, com quem, como, onde e até quando devem manter a actividade. Nos recreios as crianças socializam-se, aprendem as regras da conduta humana, o ser capaz de se colocar no lugar do outro, a perceber que no dia-a-dia umas vezes ganha-se, outras vezes perde-se. Aprendem que uns têm umas competências e outros têm outras. Aprendem os limites e a correr riscos.

7. Programa de intervenção

As escolas aparecem hoje mais capazes de delimitar os seus problemas. A questão da violência na escola, embora não sendo nova, parece ter assumido maior visibilidade devido a uma conjuntura mais voltada para os direitos da criança e conseqüente

valorização das problemáticas em torno da infância e qualificação das rotinas de vida. Contudo, em muitas escolas, ainda não se trabalha a partir de um projecto educativo. Neste contexto, a violência entre pares é um problema pouco partilhado e discutido que se reflecte na falta de concertação e na procura de soluções.

Para implementar um projecto de intervenção sobre o *bullying* nas escolas é necessário que a escola reconheça o problema, que o defina como prioridade a nível do projecto educativo e que os problemas sejam partilhados e reconhecidos por todos criando assim um grupo de trabalho para sistematizar a intervenção e definir as prioridades (Pereira e Pinto, 1999; Pereira, 2002).

Foi realizado um levantamento dos programas de intervenção levados a cabo na Noruega (Olweus, 1993) e na Inglaterra (Whitney, Rivers, Smith e Sharp, 1994). De acordo com estas considerações, foi desenhado um programa de intervenção com vista à redução do *bullying* na escola.

O programa de intervenção deve integrar o projecto educativo com três vertentes dominantes que interagem: envolvimento dos docentes, melhoramento dos recreios e supervisão/animação dos espaços e tempos livres dos alunos nas escolas. Este programa foi desenvolvido e implementado em quatro Escolas Básicas 1º-4º ano e 5º-9º ano, dos concelhos de Guimarães e Braga.